



RELATÓRIO FINAL

DIAGNÓSTICO DA PARTICIPAÇÃO DE MULHERES NA NATAÇÃO BRASILEIRA

PARTE 1

BRUNA LINDMAN BUENO
FLÁVIA DA CUNHA BASTOS

2024

SUMÁRIO

PARTE 1

1. INTRODUÇÃO 2

1.1. HISTÓRICO DA NATAÇÃO FEMININA NO BRASIL 4

1.2. REVISÃO DE LITERATURA 11

1.3. OBJETIVOS 16

2. ETAPA DOCUMENTAL 18

2.1. MÉTODOS 18

2.1.1. FONTE DE INFORMAÇÃO 18

2.1.2. ANÁLISE DOS DADOS 18

2.2. RESULTADOS E DISCUSSÃO 18

2.3. CONCLUSÃO 22

PARTE 2

3. ETAPA DE CAMPO 24

3.1. METODOLOGIA 24

3.1.1. INSTRUMENTO 24

3.1.2. POPULAÇÃO E AMOSTRA 27

3.1.3. PROCEDIMENTOS DE COLETA 28

3.1.4. ANÁLISE DOS DADOS 28

3.2. RESULTADOS E DISCUSSÃO 28

3.2.1. PERFIL SOCIODEMOGRÁFICO 28

3.2.2. O INÍCIO NO ESPORTE E NA NATAÇÃO 31

3.2.3. DIAGNÓSTICO DAS NADADORAS ATIVAS 35

3.2.3.1. PERFIL ESPORTIVO E CARACTERÍSTICAS DO TREINAMENTO 35

3.2.3.2. SUPORTES RECEBIDOS E ESTÍMULOS À PERMANÊNCIA 40

3.2.3.3. BARREIRAS E DIFICULDADES ENFRENTADAS 46

3.2.3.4. PERSPECTIVAS DE FUTURO 52

PARTE 3

3.2.4. DIAGNÓSTICO DAS EX-NADADORAS 56

3.2.4.1. PERFIL ESPORTIVO E CARACTERÍSTICAS DO TREINAMENTO 56

3.2.4.2. SUPORTES RECEBIDOS 59

3.2.4.3. BARREIRAS E DIFICULDADES ENFRENTADAS 62

3.2.4.4. ATUAL RELAÇÃO COM A MODALIDADE E AÇÕES FUTURAS 68

3.3. CONCLUSÃO 72

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS 76

5. RECOMENDAÇÕES 78

6. REFERÊNCIAS 80

7. APÊNDICES 84



INTRODUÇÃO

1. INTRODUÇÃO

Historicamente as mulheres têm sofrido restrições ao acesso ao esporte e conseqüentemente essas barreiras têm limitado sua atuação como atletas de alto rendimento (BRASIL, 1965).

Com o passar do tempo, as mulheres vêm conquistando mais espaço e representatividade dentro do contexto esportivo devido às mudanças culturais e ações da gestão do esporte. Entidades internacionais, seja de âmbito geral (ex. ONU - Mulheres; Objetivos de Desenvolvimento Sustentável - Agenda 2030 da ONU; European Commission), seja no âmbito esportivo (ex. Women's Sport Foundation, Canadian Women and Sport) têm atuado na busca da igualdade de gênero em diversos segmentos.

O Comitê Olímpico Internacional (COI) trata do tema na Agenda 2020+5 COI e entre os documentos relativos a esse processo apresenta o Gender Equality & Inclusion Report 2021 (IOC, 2022), que registra ações e programas que têm sido realizadas no sentido de mitigar as barreiras e promover a igualdade. Além disso, dois dos objetivos para o período 2021-2024 estão relacionados à questões de gênero: igualdade de gênero e redução das desigualdades.

No caso brasileiro, o Comitê Olímpico do Brasil (COB) e as confederações esportivas têm um importante papel na proposta de políticas esportivas para esse grupo, fomentando sua participação esportiva. Por exemplo, o COB realizou o Diagnóstico Mulher no Esporte – Atletas Olímpicas Tóquio 2021 com 95 atletas brasileiras que participaram dessa edição dos Jogos Olímpicos. O levantamento mostrou que cerca de 60% das atletas atribuem sua permanência no esporte a ter um(a) treinador(a) de confiança e bem capacitado(a) a identificar no esporte uma possibilidade de carreira, por meio do apoio desde o início na modalidade. Esse diagnóstico apresenta um importante mapeamento sobre a trajetória das atletas olímpicas. Entretanto, os resultados foram apresentados de maneira geral sem discriminar as particularidades das diferentes modalidades.

No Brasil ainda não se têm informações suficientes para avaliar questões sobre a trajetória de meninas e mulheres na natação e os motivos que as levam a abandonarem a modalidade. Dessa forma, mostra-se relevante levantar junto às nadadoras que persistem na modalidade, bem como junto àquelas que deixaram de praticar a natação, pontos determinantes em suas trajetórias.

Atendendo ao 2º Edital do Programa de Desenvolvimento do Esporte Feminino, do Comitê Olímpico do Brasil (COB), a CBDA elaborou um projeto com o objetivo de identificar os fatores que influenciam a trajetória esportiva das nadadoras brasileiras, bem como as problemáticas existentes na natação, sobretudo a partir da categoria Infantil.

Dentre outras justificativas, pretendeu-se identificar quais fatores (pessoais, sociais e estruturais) têm dificultado a permanência das nadadoras na modalidade, além de analisar se no contexto da natação brasileira ocorrem diferentes formas de violência relacionadas ao gênero, bem como assédios e abusos, e o quanto esses problemas afetam negativamente o desenvolvimento esportivo das nadadoras.

A partir desse levantamento, torna-se possível elaborar um projeto de desenvolvimento esportivo destinado às necessidades específicas das atletas no contexto brasileiro com base em dados para que as ações propostas sejam precisas e sustentáveis a longo prazo.

Este documento apresenta informações do estudo, desenvolvido entre 20 de abril a 31 de dezembro de 2024 por duas facilitadoras de Desenvolvimento Esportivo, contratadas especificamente para esse fim, supervisionadas por uma consultora do COB e responsáveis pelo projeto, no COB e CBDA. Estão incluídos no documento a fundamentação teórica, a metodologia empregada, os instrumentos utilizados para a obtenção de dados, as técnicas de análise de dados empregadas, os resultados obtidos e a discussão dos mesmos.

Como produto do processo de pesquisa são apresentadas análises do cenário encontrado, relativo à trajetória de nadadoras e ex-nadadoras, contendo indicadores que poderão apontar elementos para atender à expectativa da CBDA de que “dentro do cenário encontrado no mapeamento a CBDA, iniciará a 2ª fase do projeto que é criar um modelo de desenvolvimento para a natação brasileira feminina”.

Dessa forma, as conclusões feitas poderão embasar possíveis ações que decorrem dos resultados obtidos neste estudo para a natação feminina brasileira. Da mesma forma, o conhecimento produzido poderá ser levado em conta nas estratégias de ação a serem desenvolvidas por outras organizações que atuam no desenvolvimento da natação brasileira (stakeholders), em especial as entidades regionais de administração do esporte e os clubes do país.

1.1. HISTÓRICO DA NATAÇÃO FEMININA NO BRASIL

A natação feminina no Brasil teve seu início nas primeiras décadas do século XX. Até 25 de março de 1917 a presença de mulheres em campeonatos de natação no Brasil não existia. Foi então que um evento realizado no Rio Tietê (São Paulo), conhecido como Páreo Elegância, deu início à longa e bela história da natação de meninas e mulheres no país. Na ocasião, as nadadoras da Associação Athletica São Paulo disputaram a prova de 50m, que teve como vencedora Haydée Bueno de Camargo. Os registros da época indicam que a realização desse evento surtiu efeitos positivos entre as mulheres paulistas e, como decorrência, houve o aumento da prática esportiva feminina (DEVIDE; VOTRE, 2012). Paralelamente no Rio de Janeiro foi realizada em 1920 uma competição na piscina do Fluminense Football Club, na qual houve pela primeira vez a inserção de três provas femininas no evento.

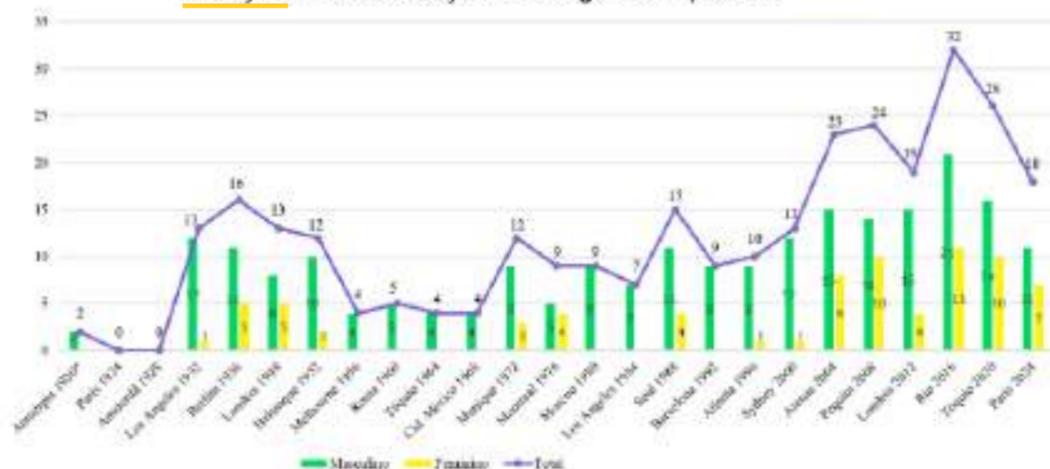
Ao longo da década de 1920 a prática da natação por mulheres foi crescendo e ganhando força no Brasil. Um marco importante para este crescimento foi quando Blanche Pironnet venceu outros 9 homens em uma competição realizada no Clube Esperia, em São Paulo, no ano de 1919. Esse fato contribuiu para confrontar a sociedade da época que defendia que o corpo feminino só poderia estar atrelado à graça, elegância e delicadeza, e que as mulheres não eram capazes de praticar esporte com o mesmo vigor e força que os homens (DEVIDE; VOTRE, 2012).

Foi em 1930 que ocorreram as primeiras competições de natação exclusivamente femininas. Novamente as cidades de São Paulo e Rio de Janeiro foram as pioneiras. Um evento realizado na Associação Athletica São Paulo contou com mais de 50 nadadoras paulistas. No mesmo ano aconteceu na piscina do Fluminense Football Club o primeiro campeonato carioca de natação feminina – evento esse que contou com a participação de Maria Lenk.

Dois anos mais tarde, Maria Lenk fez história ao tornar-se a primeira mulher sul-americana a participar dos Jogos Olímpicos, em Los Angeles 1932. Na ocasião, sua melhor colocação foi em 9º na prova de 200m peito com apenas 17 anos. Alguns anos depois, em 1939, Maria Lenk tornou-se a primeira brasileira a estabelecer um recorde mundial, também na prova de 200m peito.

Em um breve resgate do histórico da participação feminina na Natação nos Jogos Olímpicos, ao longo das edições dos Jogos houve um total de 195 nadadores(as) brasileiros(as) participantes, sendo 142 homens (73%) e 53 mulheres (27%) (Figura 1).

Figura 1 – Número de atletas que integraram a seleção brasileira na modalidade natação em cada edição dos Jogos Olímpicos de Verão

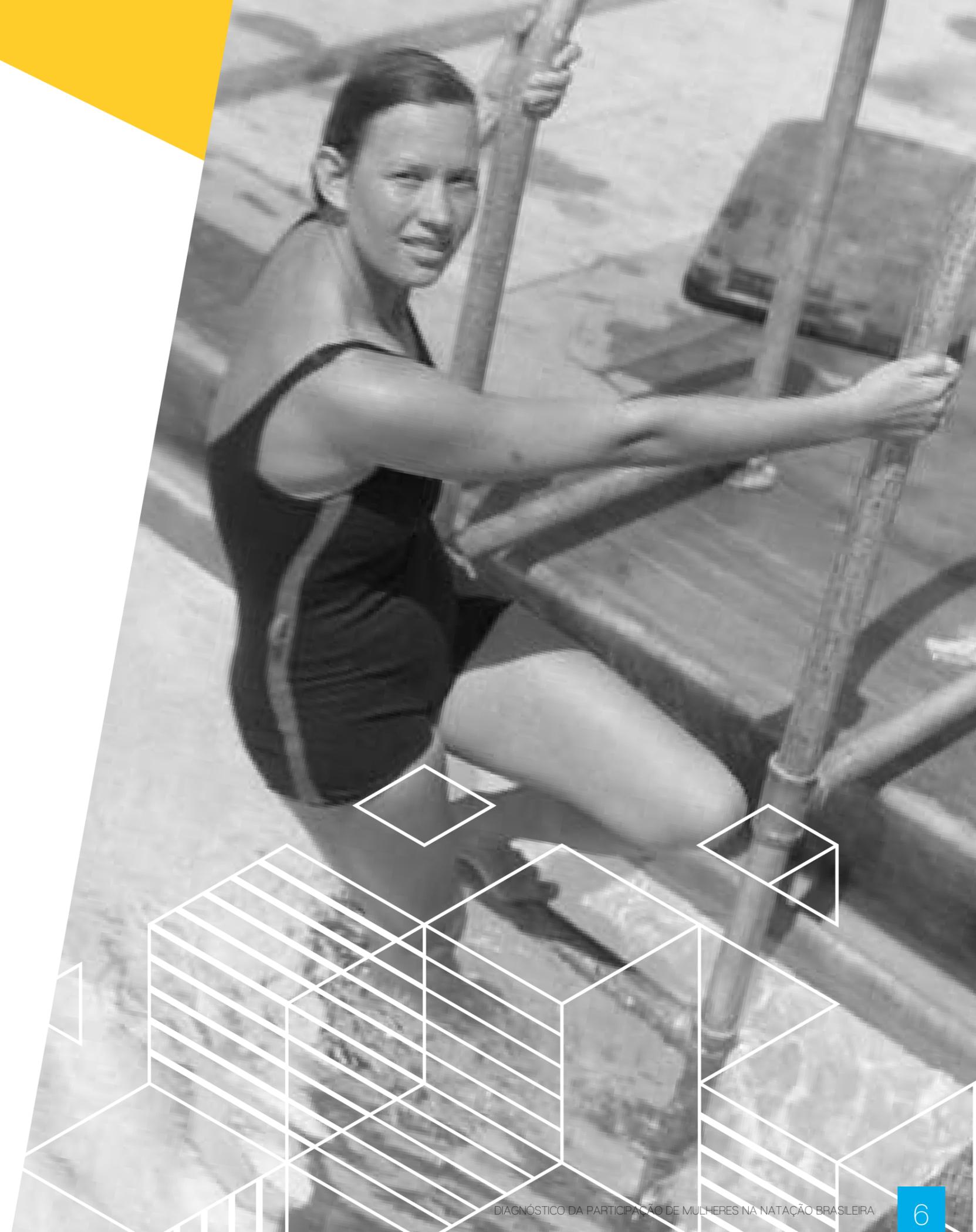


Fonte: adaptado de Bueno; Mazzei; Bastos (2022)

Após a estreia de Maria Lenk em 1932, na edição dos Jogos Olímpicos de Berlim 1936 ela esteve acompanhada de outras quatro nadadoras: Sieglind Lenk (sua irmã), Piedade Coutinho, Scylla Venâncio e Helena Salles. O melhor resultado do Brasil nesta edição (entre homens e mulheres) veio com Piedade Coutinho, que conquistou o 5º lugar na prova de 400m livre.

Devido à Segunda Guerra Mundial, nos anos de 1940 e 1944 não foram realizados os Jogos Olímpicos. O evento voltou a acontecer em 1948, em Londres, no qual a natação brasileira contou com a participação de cinco atletas: Piedade Coutinho, Talita Alencar, Eleonora Schmidt, Maria Angélica Leão e Edith da Gama. As quatro primeiras integraram o revezamento 4x100m livre, conquistando a 6ª posição – foi a primeira vez que o Brasil disputou uma prova de revezamento feminino. Além do revezamento, Piedade Coutinho voltou a ser finalista olímpica nos 400m livre, terminando em 7º lugar.

Nos Jogos Olímpicos de Helsinque 1952, duas veteranas participaram dessa edição: Edith Nogueira da Gama, em sua segunda participação olímpica, e Piedade Coutinho, em sua terceira participação. Ambas terminaram em 13º lugar, Piedade na prova de 400m livre e Edith nos 100m costas.



Ao longo das quatro edições seguintes dos Jogos Olímpicos (Melbourne 1956, Roma 1960, Tóquio 1964 e Cidade do México 1968) nenhuma nadadora brasileira integrou a seleção olímpica. Na realidade, houve nessas quatro edições uma restrição na quantidade de atletas brasileiros(as) enviados(as) aos Jogos Olímpicos, em todas as modalidades, devido à escassez de recursos financeiros do COB.

Em Munique 1972 e Montreal 1976 a seleção brasileira voltou a contar com a participação feminina, com três nadadoras em 1972 (Christina Teixeira, Lucy Burle e Maria Isabel Guerra) e quatro em 1976 (Christina Teixeira, Flávia Nadalutti, Maria Elisa Guimarães e Rosemary Ribeiro).

Após um hiato de duas edições olímpicas, nos Jogos de Seul 1988 a delegação brasileira contou com quatro nadadoras: Patrícia Amorim, Adriana Pereira, Isabele Vieira e Monica Rezende. Entretanto, em Barcelona 1992 novamente não houve nenhuma mulher representando o Brasil na natação. Nos Jogos Olímpicos de Atlanta 1996 e Sydney 2000 o Brasil contou com a participação de apenas uma nadadora em sua delegação, sendo Gabrielle Rose em 1996 e Fabíola Molina em 2000.

A partir da edição de Atenas 2004 houve uma crescente significativa no número de nadadores(as) brasileiros(as) que conseguiram a vaga para os Jogos Olímpicos. Na seleção de 2004 o Brasil foi representado por oito nadadoras: Flávia Delaroli, Joanna Maranhão, Mariana Brochado, Paula Baracho, Tatiana Lemos, Monique Ferreira, Renata Burgos e Rebeca Gusmão. Em Atenas 2004 houve um recorde no número de finais conquistadas pela natação feminina do Brasil: duas finais individuais e uma de revezamento. Na prova de 400m medley, Joanna alcançou a 5ª posição, igualando-se à Piedade Coutinho que havia conquistado esse feito 68 anos antes, em Berlim 1936. Já na prova dos 50m livre, Flávia Delaroli ficou com a 8ª colocação. E no revezamento 4x200m livre, composto por Joanna, Mariana, Monique e Paula, a equipe brasileira terminou na 7ª posição. Nesta edição foi a primeira vez que a natação feminina conquistou mais finais que a masculina (que obteve duas finais individuais).

Em Pequim 2008 a seleção brasileira feminina foi ainda maior, composta por dez nadadoras, novamente com Flávia Delaroli, Joanna Maranhão, Fabíola Molina, Monique Ferreira, Tatiana Lemos e as estreantes Gabriella Silva, Daynara de Paula, Tatiane Sakemi, Michelle Lenhardt e Julyana Kury. Nessa edição a grande destaque foi Gabriella Silva que alcançou a 7ª colocação na final dos 100m borboleta. Já nos revezamentos as meninas finalizaram os 4x100m livre na 13ª colocação e os 4x100m medley na 10ª.

Além disso, em Pequim 2008 também foi a estreia da maratona aquática no programa dos Jogos Olímpicos. E já nessa primeira edição o Brasil contou com dois grandes nomes da modalidade: Ana Marcela Cunha, que conquistou a 5ª colocação, e Poliana Okimoto, que ficou com a 7ª posição.

Nos Jogos Olímpicos de Londres 2012 houve uma diminuição no número de nadadores classificados, tanto no masculino quanto no feminino. Tal fato ocorreu porque para essa edição os índices estipulados pela CBDA foram mais baixos que os tempos exigidos pelo “Índice A” da World Aquatics, até então nomeada FINA. A seleção foi composta por quatro nadadoras no total: Joanna Maranhão, Fabíola Molina, Daynara de Paula e Graciele Herrmann. Poliana Okimoto também fez parte da equipe feminina, mas na maratona aquática. Nessa edição a natação feminina conquistou a semifinal na prova dos 200m medley com Joanna Maranhão. Na maratona, infelizmente Poliana foi desclassificada após um quadro de hipotermia que a impediu de completar a prova.

Já nos Jogos Olímpicos do Rio de Janeiro em 2016 houve um recorde na quantidade de nadadoras brasileiras classificadas, onze atletas: Etiene Medeiros, Joanna Maranhão, Daynara de Paula, Manuella Lyrio, Gabrielle Roncatto, Daiene Dias, Larissa Martins, Graciele Hermann, Jhennifer Conceição, Natalia de Luccas e Jéssica Cavalheiro. Esta edição foi marcada também por um recorde no número de semifinais conquistadas pela natação feminina. No total foram 5 semifinais, com Etiene Medeiros nos 100m livre e nos 50m livre (que estabeleceu o recorde sul-americano na prova), com Daiene Dias e Daynara de Paula nos 100m borboleta e Manuella Lyrio nos 200m livre. Na prova dos 50m livre, Etiene ainda avançou às finais e conquistou a 8ª colocação.

Os Jogos Olímpicos de Tóquio 2020 foram atípicos pois devido à pandemia mundial do coronavírus a edição precisou ser prorrogada para o ano de 2021 e sem a presença de público. Nela a equipe brasileira contou com 10 nadadoras, sendo Etiene Medeiros, Larissa Oliveira, Gabrielle Roncatto, Ana Carolina Vieira, Beatriz Dizotti, Giovanna Diamante, Stephanie Balduccini, Viviane Jungblut, Nathalia Almeida e Aline Rodrigues. Nesta edição a natação feminina infelizmente não conquistou finais e semifinais.

Na edição mais recente dos Jogos, em Paris, a delegação brasileira foi a menor desde Sydney 2000, com 18 atletas classificados(as) e, infelizmente, o Brasil encerrou sua participação sem medalhas. Nesta edição a equipe feminina foi composta por 7 nadadoras: Maria Fernanda Costa, Beatriz Dizotti, Stephanie Balduccini, Maria Paula Heitmann, Gabrielle Roncatto, Ana Carolina Vieira e Giovanna Reis.



Tal qual ocorreu em Atenas 2004, nos Jogos Olímpicos de Paris 2024 o número de finais conquistadas pelas nadadoras brasileiras também foi superior ao número de finais masculinas, sendo que no feminino foram conquistadas 2 finais individuais e 1 de revezamento (exatamente como ocorreu 20 anos antes), e no masculino apenas 1 individual.

As finais femininas alcançadas em Paris 2024 foram com Maria Fernanda Costa que terminou em 7º lugar nos 400m livre, voltando a colocar o Brasil na final desta prova após 76 anos. Já nos 1500m livre a nadadora Beatriz Dizotti conquistou também a 7ª colocação, se tornando a primeira brasileira a ser finalista olímpica nessa prova. E no revezamento 4x200m livre as nadadoras Maria Fernanda, Stephanie, Maria Paula e Gabrielle conquistaram a 7ª colocação, igualando o feito das brasileiras em Atenas 2004.



1.2. REVISÃO DE LITERATURA

Como ressaltado na Introdução deste relatório, as questões de gênero no esporte têm sido pauta de políticas e ações de entidades internacionais e nacionais, visando a representatividade e maiores/melhores condições da participação feminina no esporte. Nesse sentido, verifica-se que na literatura, tanto em âmbito nacional como internacional, um número considerável de pesquisas que abordam as temáticas da inserção, permanência e abandono de praticantes e atletas mulheres de diferentes modalidades. Os estudos tratam de aspectos diversos, como idade de início, especialização precoce, gênero, fatores determinantes e motivação para inserção no esporte; barreiras e apoios durante a carreira, e motivos para o abandono (MOLINERO et al., 2006). Existem ainda estudos desenvolvidos no sentido de construir e validar instrumentos de pesquisa voltados para melhores diagnósticos (CARMO et al., 2008; SALGUERO TUERO; MARQUES, 2003) em determinadas modalidades, como o voleibol (TEIXEIRA et al., 2023) e o atletismo (ROCHA; SANTOS, 2010).

Especificamente em relação à natação, quanto aos motivos relativos ao abandono da modalidade, estudos de Salguero et al. (2003), na Espanha, de Monteiro et al. (2017a) e Monteiro et al. (2017b), em Portugal, apontam diferentes fatores que levaram ao abandono da modalidade. No Brasil, os estudos identificados que enfocam o tema foram os de Oliveira et al. (2007), de Siqueira e Vieira (2013) e de Prado (2022). Esses fatores estão sintetizados no Quadro 1.

Quadro 1 – Motivos de abandono da natação na literatura nacional e internacional

MOTIVOS DE ABANDONO	INTERNACIONAIS	NACIONAIS
Baixo desempenho / competência técnica Resultados negativos e persistentes	Monteiro et al. (2017b)	Oliveira et al. (2007)
Baixa habilidade	Salguero et al. (2003)	
Baixa aptidão / interesse	Salguero et al. (2003)	
Influência de outros	Salguero et al. (2003)	
Falta de atmosfera de equipe Falta de integração social	Salguero et al. (2003)	Oliveira et al. (2007)
Insatisfação Outras prioridades, ter outras coisas para fazer	Salguero et al. (2003) Monteiro et al. (2017a) Monteiro et al. (2017b)	
Falta de tempo		Prado (2022)
Necessidade de focar nos estudos		Prado (2022)
Pressão / exigência da modalidade Ênfase exagerada na vitória	Monteiro et al. (2017a)	Oliveira et al. (2007)
Cansaço da rotina de treinamentos intensos		Oliveira et al. (2007) Siqueira e Vieira (2013)
Conflitos com treinadores	Monteiro et al. (2017b)	
Pressão dos pais, colegas ou treinadores	Monteiro et al. (2017b)	Siqueira e Vieira (2013)
Falta de diversão, tédio	Salguero et al. (2003) Monteiro et al. (2017b)	
Falta de apoio		Oliveira et al. (2007)
Lesão		Oliveira et al. (2007)
Falta de competição com outros clubes		Siqueira e Vieira (2013)
Pandemia do Covid-19		Prado (2022)

Fonte: elaborado pelas autoras

Especificamente em relação à idade de abandono e duração da carreira, Jorge et al. (2016) realizaram estudo sobre o desenvolvimento longitudinal da carreira esportiva de jovens nadadores de Minas Gerais, verificando que as mulheres iniciam carreira mais cedo que os homens, obtêm o melhor desempenho e abandonam a natação mais cedo que os homens. Boa parte dos nadadores homens decidem abandonar a modalidade e sua vertente de rendimento com idade próxima aos 18 anos e as mulheres aos 17. Os autores indicam que para saber os reais motivos desse abandono seriam necessários outros estudos.

Quanto ao desenvolvimento e o pós-carreira do atleta, o modelo SPLISS (Sports Policy factors Leading to International Sporting Success), que tem sido utilizado em estudos sobre modalidades e em entidades de administração do esporte para nortear seus processos, apresenta condições para dedicação integral ao esporte (p. ex. remuneração, estudos) e programas de suporte ao atleta (p. ex. apoio psicológico, científico), os quais são alguns dos fatores que levam ao sucesso esportivo internacional (DE BOSSCHER et al., 2015). O modelo SPLISS se baseia no conceito de fatores críticos de sucesso, ou seja, para o alcance do sucesso esportivo internacional, a existência e a qualidade de alguns temas do desenvolvimento esportivo (tidos pelo modelo como fatores críticos) são necessários e, na ausência ou deficiência destes, o desempenho acaba ficando comprometido.

Antes mesmo do modelo SPLISS ser apresentado de forma mais consistente no ano de 2006, uma publicação liderada pelo autor italiano Madella et al. (2005) - que também foi membro do consórcio internacional responsável pelo SPLISS - apresentou dimensões e indicadores que serviriam para medir o desempenho de federações nacionais de natação de quatro países: Itália, Grécia, Portugal e Espanha. As dimensões foram desmembradas em elementos e esses divididos em uma série de indicadores, que podem ser considerados fatores críticos para o alcance do sucesso internacional na natação:

● **Dimensões de Entrada (inputs)**, essenciais para a existência e início de um desenvolvimento de um sistema esportivo na natação:

- (1) Recursos humanos: número de atletas, treinadores e gestores; participação esportiva;
- (2) Recursos financeiros: recursos totais, distribuição e custos.

● **Dimensão de Processos**, ações necessárias para o que sistema tenha o seu desenvolvimento:

- (3) Comunicação institucional, parceiros e relações inter-organizacionais: relacionamento, comunicação com Federação Internacional, Comitê Olímpico Nacional, outros.

● **Dimensões de Produtos (output)**, o que se espera como resultado do desenvolvimento e do sistema esportivo:

- (4) Volume (e qualidade) dos serviços prestados: ações, serviços para atletas, atividades de lazer e esporte educacional;

- (5) Resultados esportivos internacionais: desempenho internacional.

● **Dimensão Contextual;**

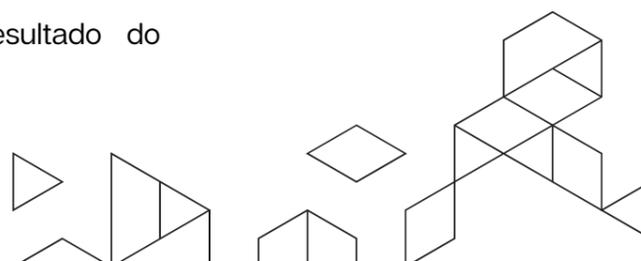
- (6) Dados socioeconômicos e gerais sobre esporte: população, produto interno bruto, participação esportiva em relação à população e número de piscinas no país; número de piscinas para a competição no país.

Desta forma, quando o objetivo é o sucesso internacional, é necessário que exista um claro sistema esportivo de alto rendimento, onde diferentes elementos se inter-relacionam, visando o desenvolvimento de atletas e que conseqüentemente irão ao alcance dos melhores níveis de desempenho nas principais competições internacionais (GRIX; BRANNAGAN; HOULIHAN, 2024).

Os resultados almejados por sistemas esportivos nacionais podem ser relativos, pois algumas nações possuem pretensões de liderar a conquista de medalhas, enquanto que para outras, a simples presença de atletas nos principais eventos internacionais já é considerado um resultado expressivo (SHIBLI et al., 2013). Por outro lado, como já mencionado, os produtos e resultados desejados por sistemas esportivos de alto rendimento são geralmente o número de atletas e a quantidade de medalhas conquistadas nos principais eventos internacionais (DE BOSSCHER et al., 2015).

Logo, a existência de informações sobre os atletas, suas etapas, trajetórias, pontos positivos, barreiras, dentre outras características, podem dar mais clareza sobre o sistema, assim como fornecer mais ferramentas para a própria melhoria do sistema e do desenvolvimento esportivo, neste caso, da natação no Brasil.

Finalmente, o tema relativo a barreiras enfrentadas por atletas em diferentes modalidades, incluindo a natação, tratam, entre outros, do tema relativo a violência de gênero, que influencia negativamente o desenvolvimento de atletas mulheres. Pesquisa de revisão bibliográfica de Vimieiro et al. (2023) analisou a produção acadêmica sobre gênero e esporte no Brasil entre 2000 e 2020, na qual identificaram, entre outras, lacunas de estudos com foco na interseccionalidade e violência de gênero.



Quanto a aspectos sobre violência sexual, no sentido de também “proporcionar mecanismos de prevenção, orientação, acolhimento, e tratamento nos temas atinentes ao assédio e abuso” de mulheres no esporte, o COB elaborou uma política com o “objetivo de estabelecer as diretrizes gerais a serem seguidas pela entidade e seus agentes no meio ambiente de trabalho, nas ações e nas missões nas quais couber ao COB a representação nacional ou na organização do evento multiesportivos” (COB, 2021, p. 3).

Portanto, observa-se que os estudos apresentados nessa revisão, embora relevantes e pioneiros, revelam aspectos importantes, mas muitos deles oriundos de amostras relativamente pequenas, geograficamente restritas e utilizando-se de diferentes instrumentos para a obtenção dos dados, o que limita, de certo modo, uma visão mais ampla e atual do cenário sobre esses aspectos no Brasil e no mundo.

Por outro lado, o que se destaca é a indicação de fatores pessoais, estruturais e sociais que são elencados tanto na literatura como na elaboração de políticas de entidades esportivas voltadas à participação e às condições de participação feminina no esporte e especificamente na natação.

Dessa forma, essa foi a fundamentação que embasou parte da estruturação da pesquisa e do instrumento para o levantamento de dados com as nadadoras brasileiras.

1.3. OBJETIVOS

O objetivo geral desta pesquisa foi **identificar as principais características existentes sobre o desenvolvimento da natação feminina brasileira**. Desse objetivo principal, decorreram outros quatro objetivos específicos:

1. Levantar a quantidade de nadadoras brasileiras confederadas entre os anos 2017 e 2023 nas categorias Infantil, Juvenil, Júnior e Sênior;
2. Analisar a distribuição geográfica das nadadoras confederadas e identificar a variação ocorrida nos Estados entre 2017 e 2023;
3. Identificar os principais suportes recebidos pelas nadadoras e ex-nadadoras e os fatores que estimulam a permanência das atletas na modalidade;
4. Identificar os principais fatores que dificultam a permanência de meninas e mulheres na prática competitiva da natação.

ETAPA DOCUMENTAL

2. ETAPA DOCUMENTAL

Esta etapa inicial da pesquisa buscou alcançar dois objetivos específicos: “Levantar a quantidade de nadadoras brasileiras confederadas entre os anos 2017 e 2023 nas categorias Infantil, Juvenil, Júnior e Sênior” e “Analisar a distribuição geográfica das nadadoras confederadas e identificar a variação ocorrida nos Estados entre 2017 e 2023.”

2.1. METODOLOGIA

2.1.1. FONTE DE INFORMAÇÃO

Para a coleta de dados dessa etapa da pesquisa foi disponibilizado pela CBDA um banco de dados (Bigmidia) com informações tais como: quantidade de nadadoras filiadas à CBDA (desde a categoria Pré-Mirim até Sênior), entre os anos de 2017 a 2023, além do Estado do país em que essas nadadoras estão localizadas.

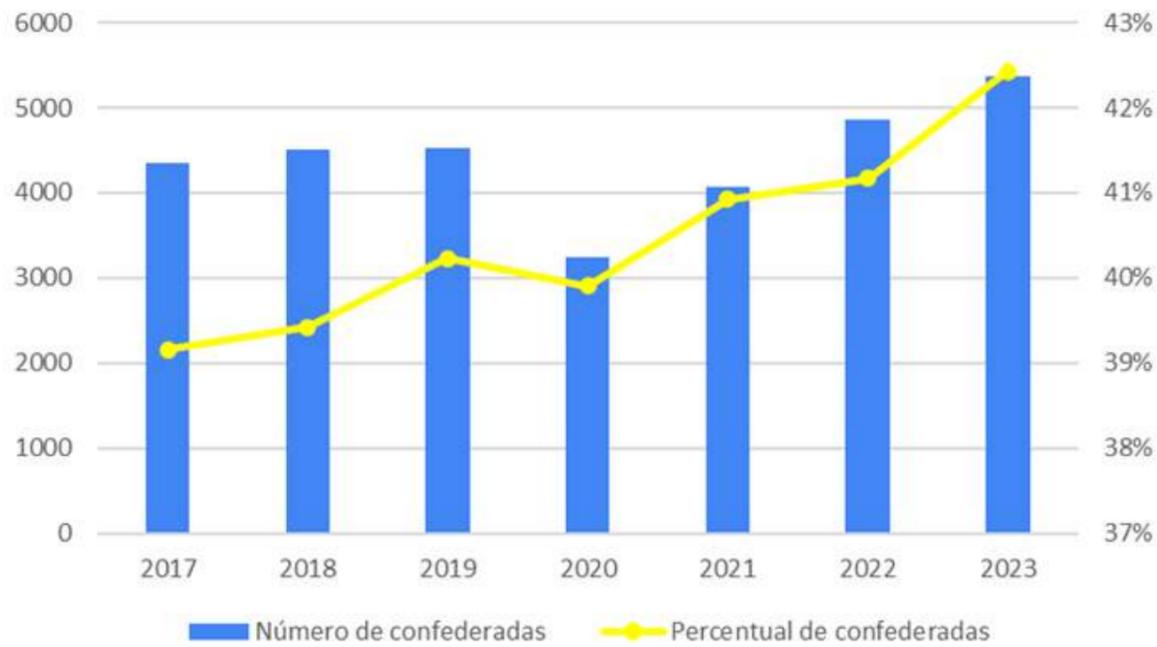
2.1.2. ANÁLISE DOS DADOS

Os dados foram tratados quantitativamente por meio de estatística descritiva, com cálculos de média, frequência e análise de regressão (conforme a variável analisada).

2.2. RESULTADOS E DISCUSSÃO

A Figura 2 apresenta a quantidade total de nadadoras confederadas ao longo dos anos e seu respectivo percentual em relação ao total de atletas filiados à CBDA. A partir desses dados nota-se que há um gradativo aumento na quantidade de nadadoras brasileiras confederadas com o decorrer dos anos, exceto pelo ano de 2020 em que houve uma diminuição nesse número. Esse decréscimo pode ser justificado pela pandemia de COVID-19 iniciada nesse mesmo ano, que acarretou na paralisação das atividades de treinamento e competição.

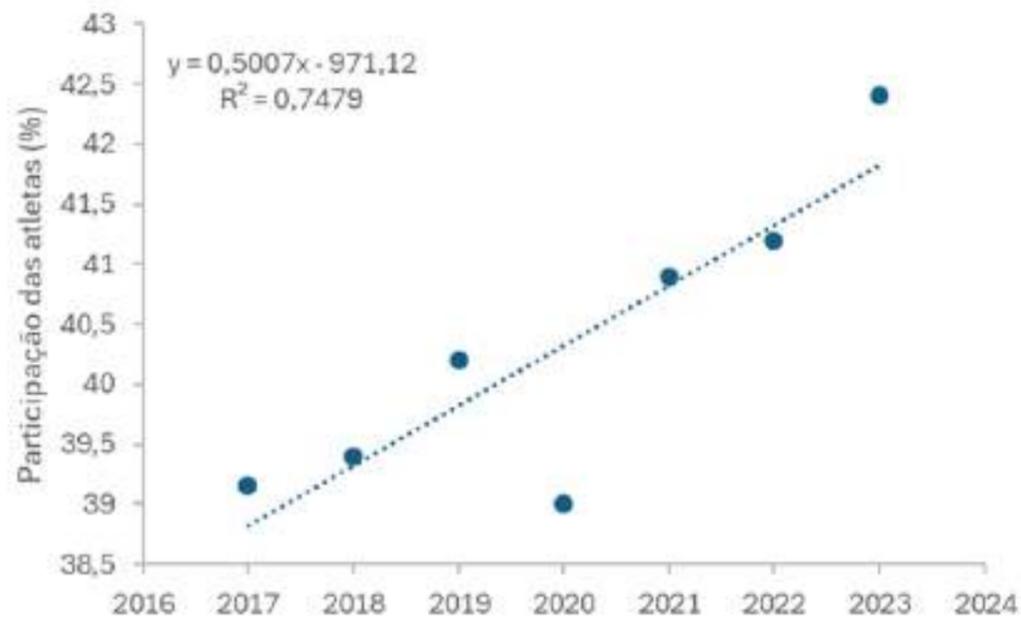
Figura 2 - Quantidade total de nadadoras confederadas entre 2017 e 2023



Fonte: elaborado pelas autoras

A partir desses dados foi realizada uma análise de regressão linear, que possibilitou identificar um dado interessante: se não houver uma quebra de linearidade ao longo dos anos, a participação de 50% das nadadoras (em relação à porcentagem de homens confederados) será alcançada em 2039 (Figura 3). Isto é, se o número de nadadoras confederadas continuar crescendo com a mesma intensidade que está atualmente, no ano de 2039 a CBDA terá a mesma quantidade de homens e mulheres confederados.

Figura 3 - Regressão linear da quantidade de nadadoras confederadas



Fonte: elaborado pelas autoras

Outra informação obtida a partir da análise desse banco de dados da Bigmidia é com relação à evasão de nadadores e nadadoras confederados entre as categorias Infantil 1 e Júnior 2. A Tabela 1 apresenta a diferença na quantidade de atletas filiados(as) à CBDA entre essas categorias. Nota-se que o percentual de evasão feminina é maior que a masculina em todos os anos, sendo que entre as nadadoras a evasão média entre o Infantil 1 e o Júnior 2 é de 6,7%; enquanto para os nadadores homens é de 3,7%.

Tabela 1 - Diferença na quantidade de nadadores(as) confederados(as) entre as categorias Infantil 1 e Júnior 2

	Feminino		Masculino	
2017	305	(7,0%)	282	(4,2%)
2018	295	(6,5%)	303	(4,4%)
2019	368	(7,6%)	225	(3,3%)
2020	243	(7,5%)	190	(3,9%)
2021	251	(6,2%)	188	(3,2%)
2022	300	(6,2%)	230	(3,3%)
2023	323	(6,0%)	238	(3,3%)

Fonte: elaborado pelas autoras

Com relação à distribuição geográfica das nadadoras confederadas, a Figura 4 apresenta o número de nadadoras filiadas à CBDA por Estado no ano de 2023. A maior parte delas está concentrada na região Sudeste (39%), seguida pela região Sul (20%) e Nordeste (19%), e uma menor parcela localizada nas regiões Norte (12%) e Centro-Oeste (10%). Nota-se uma alta concentração de atletas nos Estados de São Paulo e Rio de Janeiro, que juntos somam mais de 30% da quantidade total das nadadoras confederadas do país. Na região Sul, observa-se uma distribuição equiparada de meninas e mulheres entre os três Estados. Já nas regiões Centro-Oeste, Nordeste e Norte, observa-se uma predominância dos Estados de Mato Grosso, Bahia, Paraíba, Amazonas e Tocantins.

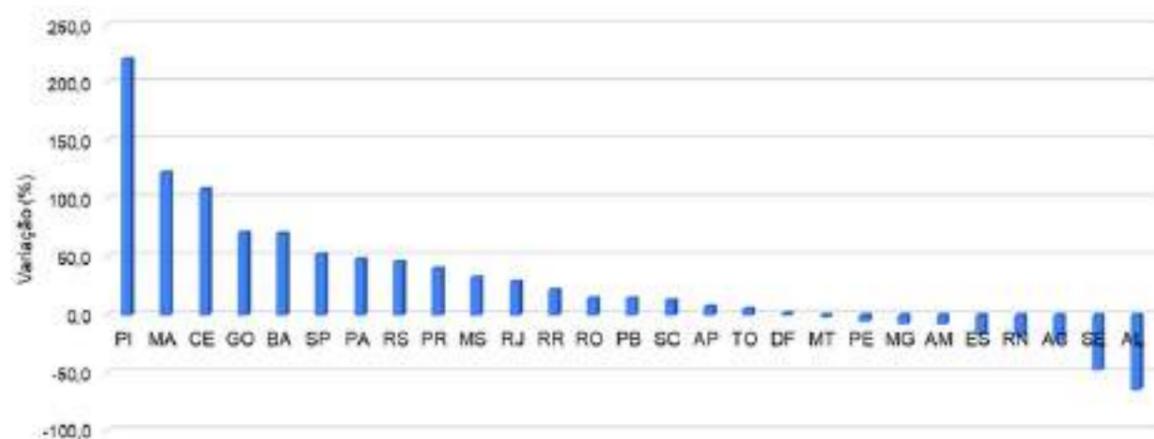
Figura 4 - Número de nadadoras confederadas por estado no ano de 2023



Fonte: elaborado pelas autoras

A Figura 5 apresenta a variação percentual do número de nadadoras confederadas por Estado entre os anos de 2017 e 2023. Ou seja, a Figura 5 traz o quanto cada Estado aumentou ou diminuiu seu número de nadadoras filiadas à CBDA entre 2017 e 2023. Vale ressaltar que a variação é um dado que não traça comparativos entre os Estados, mas compara cada Estado consigo mesmo.

Figura 5 - Variação percentual do número de nadadoras confederadas por Estado entre os anos de 2017 e 2023



Fonte: elaborado pelas autoras

Assim, os Estados que tiveram um maior percentual de aumento foram Piauí (220%), Maranhão (123%) e Ceará (108%). No caso do Piauí, o Estado chegou a triplicar o número de confederadas, saindo de 39 atletas em 2017 para 125 em 2023. Já o Maranhão cresceu de 53 para 118 nadadoras. O Estado do Ceará, por sua vez, aumentou suas atletas confederadas de 61 para 127. Cabe também mencionar que os Estados de São Paulo e Rio de Janeiro, que são os que contêm a maior parte das nadadoras confederadas do país, também apresentaram um aumento interessante no número de suas atletas. São Paulo apresentou uma variação de 52%, crescendo de 613 nadadoras em 2017 para 931 em 2023. Já no Rio de Janeiro houve uma variação de 29%, aumentando suas nadadoras de 567 para 729 entre esses anos.

Houve Estados que não tiveram uma variação significativa no número de nadadoras confederadas, como Amapá, Tocantins, Distrito Federal, Mato Grosso e Pernambuco. Outros, entretanto, apresentaram uma diminuição no número de atletas filiadas à CBDA, sobretudo Alagoas e Sergipe. O Estado de Alagoas apresentou uma variação de -64%, diminuindo suas nadadoras confederadas de 59 em 2017 para 21 em 2023. Já Sergipe variou -47%, e passou de 101 para 53 atletas entre esses anos.

Em posse dessas informações torna-se possível direcionar quais Estados demandam maior atenção por parte da confederação e de suas federações estaduais. Dentre aqueles que apresentaram aumento no número de suas nadadoras confederadas, vale fazer um mapeamento das ações que foram tomadas ao longo desses anos que possibilitaram que esse crescimento acontecesse. A partir desse levantamento de ações poderia-se buscar mecanismos para replicá-las aos demais Estados, sobretudo

aqueles que apresentaram uma diminuição no número de suas atletas. Certamente as ações identificadas precisam ser adaptadas para a realidade de cada Estado, visto que cada um possui suas características e particularidades.

2.3. CONCLUSÃO

A partir dos dados apresentados e das discussões traçadas, felizmente conclui-se que ao longo dos últimos anos o cenário da natação feminina no Brasil tem apresentado avanços, tendo em vista a crescente no número de nadadoras confederadas no país. Certamente há muitas ações que podem ser tomadas para um desenvolvimento ainda mais significativo. E com um olhar mais atento para o progresso dentro de cada Estado torna-se possível identificar onde há maiores possibilidades de avanço para a modalidade.

Entretanto, o progresso da natação feminina não deve ser mensurado exclusivamente pelos parâmetros quantitativos apresentados nessa etapa documental da pesquisa. Esses dados são interessantes e necessários, pois fornecem um panorama de como a natação está se desenvolvendo com o decorrer do tempo. Porém, é preciso complementá-los com outras fontes de informação, inclusive de caráter qualitativo, para que haja uma compreensão mais aprofundada sobre o real cenário da natação feminina brasileira.

Por fim, cabe reforçar também a importância em manter esse banco de dados atualizado e disponibilizá-lo para consulta pública para que seja possível seguir monitorando o avanço da natação feminina no país. Além disso, seria interessante complementar esse banco com informações sobre os treinadores e treinadoras do país, para que também seja possível monitorar a atuação desses(as) profissionais tão relevantes para o desenvolvimento da modalidade.





Comitê Olímpico do Brasil
Confederação Brasileira de Desportos Aquáticos

DIAGNÓSTICO DA PARTICIPAÇÃO DE
MULHERES NA NATAÇÃO BRASILEIRA

RELATÓRIO FINAL

Prestação de serviços de facilitação de desenvolvimento esportivo

Autoras:

Bruna Lindman Bueno
Flávia da Cunha Bastos

Colaboradoras:

Júlia Barreira Augusto
Ana Carolina Araújo dos Santos

Editoração e Projeto Gráfico
Hildengard Chaves

Abril a dezembro de 2024

